

# Experiência de Tradução Conscienciológica: Versão para o Inglês da Obra *Onde a Religião Termina?*

Conscientiological Translation Experience: the Work *Where Does Religion End?* into English

Experiencia de Traducción Conscienciológica: Versión de la Obra *¿Dónde la Religión Termina?* en Idioma Inglés

**Otto Mendonça\***

\* Psicólogo. Mestre em Economia Política do Turismo Internacional. Tradutor Público e Intérprete de Conferências. Pesquisador Independente de Conscienciológica.

*ottomendonca@yahoo.com*

Recebido em: 23.03.2018.

Aprovado para publicação em: 16.09.2018.

## INTRODUÇÃO

Este relato trata da experiência de tradução escrita de uma obra conscienciológica – *Onde a religião termina?* – para o idioma inglês.

Haja vista a atual carência de subsídios técnicos sobre Traduciologia no âmbito da Conscienciológica, o objetivo é compartilhar informações para o acúmulo de conhecimentos sobre as melhores práticas de tradução de textos conscienciológicos.

Para a elaboração desta exposição, seguiu-se o método da estruturação em partes conexas.

A primeira relata os fatos e parafatos que conduziram à assinatura do contrato de tradução.

A segunda parte revela a rotina pessoal do tradutor, o fluxograma de trabalho, as características da revisão final e a abordagem à tradução dos índices, tudo isso no âmbito do processo tradutório geral.

A terceira apresenta trechos da versão original, em português, do prefácio do tradutor escrito para a obra traduzida, com informações pertinentes ao leitor geral.

A quarta parte aborda os aspectos técnicos da tradução realizada. Tais informações atendem ao objetivo deste relato: o acúmulo de conhecimentos quanto às melhores práticas da tradução conscienciológica. Para isso, exemplificam-se as decisões tomadas quanto a citações, notas de rodapé, hifenização, maiusculização ou minusculização, neologismos, livros religiosos e bibliografia, entre outras questões.

Em seguida, o conceito de curva de aprendizagem é relacionado à tradução e se detalha a curva específica vivenciada a partir do projeto de tradução relatado.

Conclui-se com a observação de que o compartilhamento desta experiência pode ajudar outros tradutores, facilitando-lhes o trabalho; com a constatação de que esta conscienciológica só soube da própria capacidade quando se dedicou à tarefa desafiadora; e com agradecimentos ao elenco interveniente no projeto de tradução.

## I. ANTECEDENTES DA TRADUÇÃO

Em 2012, W. K., o então secretário-geral da *Instituição Conscienciocêntrica* (IC) onde eu voluntariava, a *Reaprendentia*, solicitou-me orçamento para realizar a versão para o inglês da obra do professor Marcelo da Luz, *Onde a religião termina?* (ORT), publicada pela Editares em 2011.

O orçamento foi-me solicitado na condição de profissional da área da tradução, pois, em parceria com minha duplista, vinha trabalhando profissionalmente com tradução desde 2008. No ano seguinte, montamos empresa especializada em fornecer serviços de tradução escrita e simultânea. Em 2012, passamos a oferecer também serviços de tradução pública juramentada, nos idiomas português, inglês e francês.

Ao secretário-geral da *Reaprendentia* expressei muitas dúvidas acerca da exequibilidade do projeto de tradução ORT, pois me julgava estar aquém das capacidades exigidas por tradução de obra com conteúdo erudito em linguagem rebuscada. Além disso, a prática da tradução escrita nunca me atraiu tanto e minhas atividades profissionais sempre se focaram na tradução simultânea – oral – de eventos e conferências internacionais.

Tinha consciência de minhas dificuldades quanto à autodisciplina, auto-organização e continuísmo para levar adiante uma tradução de tamanho até então inédito para mim. Além disso, alimentava dúvidas sobre a minha capacidade técnica no idioma inglês. Por fim, sabia também que o retorno financeiro não era exatamente o diferencial do projeto.

Em reflexão prévia à resposta final ao secretário-geral, senti a presença tranquilizante de amparador que já se havia manifestado em palestra pública que eu havia ministrado em Recife sobre “Poliglotismo e Pro-éxis”, em 2012, na itinerância do curso livre Poliglotismo Parapsíquico, realizada, na época, por intermédio da IC *Associação Internacional de Parapsiquismo Interassistencial* (ASSIPI).

A partir dessa parapercepção e de outras reflexões, senti-me inclinado a aceitar o projeto, contanto que tivesse a colaboração de um revisor traquejado de língua materna inglesa – não bastava simplesmente ser anglófono de nascença. A escolha recaiu sobre o voluntário neozelandês J. L., com quem já havia composto equipe na tradução oral das tertúlias conscienciológicas (ver bibliografia complementar). Fiz-lhe o convite para participar profissionalmente do projeto e ele aceitou.

Mais confiante, fui conversar com o professor Waldo Vieira (1932-2015), o qual deu apoio para o projeto, comentando que a tradução daria trabalho, por outro lado, eu ajudaria e seria ajudado. Portanto, era para “*meter os peitos*”. O desafio agradou-me e segui em frente.

O contrato com o secretário-geral da *Reaprendentia* foi assinado em março de 2013, com conclusão da tradução em 24 meses – o prazo dilatado era ideal para dar-me tranquilidade e tempo para poder organizar-me. Contudo, o plano era terminar o projeto em 20 meses. Tudo o que havia de fazer era começar a traduzir.

## II. PROCESSO TRADUTÓRIO

O processo pode ser entendido como o conjunto de procedimentos executados para realizar um projeto. Considerando-se a tradução de livro como um projeto, o processo tradutório é o conjunto de procedimentos executados para a realização da tradução. Relatar-se-á a experiência vivenciada quanto a diferentes aspectos do processo tradutório, a saber, a rotina pessoal, o fluxograma, a revisão final e a abordagem aos índices.

---

## ROTINA PESSOAL

Desde a assinatura do contrato em março de 2013 até dezembro do mesmo ano, havia traduzido apenas 100 páginas, de um total de 486. O esforço era esporádico e não havia ainda criado disciplina para traduzir diariamente. Descontente com o resultado alcançado, comecei o ano de 2014 com o objetivo mor: terminar a tradução.

Para tanto, conduzi meu dia a dia de trabalho do seguinte modo:

1. Tradução todas as manhãs dos dias de semana.
2. Resolução de dúvidas ou pendências da tradução no final de semana.

Nos dias de semana à tarde, quando não tivesse outros compromissos profissionais, como tradução juramentada, por exemplo, estudava alemão, uma antiga necessidade.

Esse esquema de horários se afigurava possível com a redução do voluntariado ao mínimo necessário. Como já sabia que o ano de 2014 seria dedicado ao projeto de tradução, reservei apenas 8 finais de semana ao longo do ano para a docência na *Reaprendentia*.

Deixei claro à administração da IC que os dias com os quais me estava comprometendo não seriam cancelados, porém não poderia assumir outros compromissos nem substituir colegas em cima da hora.

Isso me deu a estabilidade necessária para poder organizar-me com as atividades profissionais de tradução simultânea. Quando precisava atender um evento durante 3 dias, por exemplo, suspendia os outros afazeres e realizava apenas as traduções simultâneas. Tal organização me permitiu levar de eito o trabalho em geral, a tradução do livro, o voluntariado e o estudo de alemão.

## FLUXOGRAMA

Antes de começar a tradução, fazia uma circulação fechada de energias, instalava o *estado vibracional* (EV) e exteriorizava para o ambiente do escritório onde sempre trabalhava. Essa medida profilática afinizava a psicofera pessoal com o amparo de função predispondo à recepção de inspirações quanto às melhores traduções para determinadas passagens do texto.

Logo no início do projeto, quando ainda estava ansioso quanto à minha capacidade de realizar a tradução, recebi *insight* para ir escrevendo sem me preocupar muito com os detalhes, enriquecendo o texto com toques pessoais e ficando próximo das origens latinas comuns a certos vocábulos portugueses e ingleses, à medida que o próprio idioma inglês o permitisse. Traduzir é, essencialmente, tomar decisões, e nisso penso haver sido bastante auxiliado extrafisicamente.

Ainda em 2013, comecei traduzindo um tópico, digamos, da página 30 a 34. Em seguida, enviava a tradução para o colaborador, que fazia a primeira revisão. O texto voltava e, então, eu o revisava novamente: corrigindo meus erros, na maioria das vezes; mantendo meu texto original, nas vezes em que discordava do revisor; elaborando outras soluções tradutórias, nas poucas vezes em que julgava mais adequado.

Em 2014, trabalhando em ritmo mais acelerado, passei a traduzir um capítulo inteiro, o qual, como descrito acima, era enviado ao revisor e, quando voltava, era re-revisado.

A tradução inteira, com a revisão de J. L. – salvo os índices, que seriam inseridos ao término da última revisão –, foi finalizada em final de junho de 2014. Em 6 meses, 336 páginas haviam sido traduzidas, contra 100 páginas nos 10 meses de 2013, quando ainda não havia adquirido ritmo. A média em 2014 foi de duas páginas e meia, ou 1.200 palavras, por manhã de trabalho.

## REVISÃO FINAL

Faltava a revisão final. O texto foi novamente enviado ao J. L. e, também, à voluntária australiana J. C., que aceitou o convite para participar do projeto na condição de revisora voluntária. Ambos os revisores, residentes em Foz do Iguaçu-PR, levaram, em média, 3 meses para terminar a última revisão.

Recebidos os textos dos revisores, fiz a última revisão com ambos os trabalhos emparelhados na tela grande do monitor. Assim, fui comparando linha a linha os dois textos. Essa atividade que julgava seria rápida tomou-me dois meses.

Apesar do tempo, essa revisão da revisão final foi inestimável em termos de aprendizado pessoal. Nos momentos em que discordava da revisão de J. L., mas ficava inseguro quanto à solução correta, a comparação com o trabalho realizado por J. C. foi fundamental. A ausência de revisão por parte de J. C., em um trecho específico, por exemplo, era sinal verde para ir em frente sem precisar seguir a sugestão de J. L. Em outros momentos, a revisão dos dois era idêntica, eliminando qualquer possibilidade de dúvida.

Vale destacar que a assistência de ambos foi fundamental, principalmente do colaborador que tive ao longo de todo o trabalho, pois, de outra forma, não me haveria sentido à vontade para realizar o projeto ORT naquele momento.

## ÍNDICES

Acabada a revisão da última revisão, voltei-me aos índices. Queria ter certeza de que os traduziria a partir do texto final. Julgava que assim evitaria erros, pois se mudasse de opinião quanto a alguma tradução, não precisaria ter de corrigir duas vezes, no índice e no texto. Desse modo, tomaria todas as decisões no corpo do texto e, só depois, com tudo finalizado, faria o sumário.

Aqui vale destacar um acontecimento: durante a *Feira do Livro de Foz do Iguaçu*, de 2014, conversei com o colega E. B., bibliopola do *Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC), a respeito da tradução ORT.

Ele revelou-me que, na sua experiência, o índice remissivo não era traduzido, e sim refeito, preferencialmente pelo autor, pois se tratava praticamente de outro livro, portanto, de outro índice remissivo. Dei-lhe razão ao comparar sua experiência com a minha, pois já havia notado que várias equivalências lexicais não poderiam ser mantidas entre o índice remissivo do original e o da tradução, exigindo uma ampla reorganização, para a qual a pessoa mais gabaritada era o próprio autor.

Expus a opinião do colega ao professor Marcelo da Luz, alegando que eu poderia realizar esse trabalho, embora fosse interessante ser feito pelo autor, também por permitir-lhe familiarizar-se com o livro em inglês, de certa forma preparando-o para a itinerância internacional quando a obra estivesse publicada na *língua de Shakespeare*. O autor concordou e achou melhor ele mesmo fazer o índice remissivo.

O próximo passo era abordar o sumário. Porém, nesse momento, a minha abordagem de traduzir todos os índices ao final revelou-se discutível, pelo menos no que diz respeito ao *índice das matérias*. Lendo o artigo de Marco Aurélio de Moura Matos, *A Tradução de Textos de Psicologia, de Psicanálise e de Filosofia – Problemas e Princípios*, publicado na obra *A Tradução Técnica e seus Problemas*, encontrei o seguinte:

“Traduza-se, em primeiro lugar, o *índice das matérias*, ainda que o mesmo, no decorrer da tradução, tenha de ser modificado. Esta técnica dá à tradução unidade vocabular, apoio inicial para as primeiras palavras e parágrafos, e fornece, novamente, ao tradutor um precioso contacto com o esqueleto do livro. Saber-se-á, de antemão, a natureza do vocabulário que seguramente será utilizado preponderantemente pelo tradutor” (Portinho, 1984, p. 63).

Por inexperiência, tomei um caminho diferente do mencionado acima. Por outro lado, isso foi minimizado pelo fato de haver lido o livro na íntegra antes de começar o trabalho, entrando assim em contato com a estrutura do livro e antecipando as possíveis dificuldades de vocabulário.

Vale destacar que, se o tradutor não tiver tempo de ler todo o livro, o autor do trecho citado acima indica a leitura por amostragem, isto é, partes do começo, do meio e do fim da obra. Esse procedimento, aliado à tradução do sumário, facilitará o processo tradutório geral.

### III. PREFÁCIO DO TRADUTOR

Finalizados os índices e o sumário, propus ao autor a inserção de um prefácio do tradutor na edição em inglês. O prefácio do tradutor é um texto eminentemente técnico informando sobre as características da obra traduzida, as dificuldades encontradas e as decisões tomadas pelo tradutor, com o objetivo de auxiliar o leitor a entender melhor o texto que está prestes a ler. Trata-se, portanto, de um resumo técnico da tradução realizada.

O autor concordou com a minha proposição, ponderando que ajudaria, de fato, ao leitor. De modo geral, a existência de um prefácio explicitando as diretrizes que orientaram a confecção de obra técnica – fato comum em dicionários e enciclopédias – atesta o zelo com que o trabalho foi realizado.

Para organizar bem as ideias, escrevi o prefácio primeiro em português e depois o traduzi ao inglês, realizando uma *autotradução*. Reproduzo abaixo partes do texto original e sugiro ao(à) leitor(a) interessado(a) a consulta ao prefácio da obra traduzida para apreciar na íntegra os parâmetros tradutórios estabelecidos:

“Esta tradução buscou manter o equilíbrio entre a letra e o espírito, isto é, entre a absoluta fidelidade ao texto original e a adaptação ao idioma estrangeiro. Quando isso não foi possível, optou-se sempre pela fidelidade ao texto original, conservando a letra, por julgar-se que tal procedimento conserva melhor o conteúdo e o estilo do original.

A fidelidade transparece no respeito à sintaxe do autor, tendo como limite e parâmetro a idiosincrasia da língua inglesa. Exemplo disso é a conservação das enumerações com ponto e vírgula, sem uso do “e” antes do último elemento, o que, apesar de não ser comum no inglês, não constitui atentado à índole da língua. Porém, tal limite nem sempre é fácil de ser estabelecido e, às vezes, é rompido, como no caso da criação de neologismos a exemplo de “*claritask*”, “*consoltask*”, “*disbeliefology*”, “*evolutient*”, “*foolictionary*”, “*reexis*” e “*recin*”, entre outros.

A fidelidade ao autor surge também no respeito ao uso de letras maiúsculas e minúsculas do original. Onde, tradicionalmente, se usam maiúsculas no idioma original, mas o autor preferiu as minúsculas, em inglês seguiu-se o mesmo padrão – é o caso de *sacred scriptures* (...).

A tradução não recorreu a notas de rodapé, porque já são muitas no original e poderiam confundir o leitor. As poucas e incontornáveis inserções do tradutor fizeram-se no corpo do texto em [colchetes], e não em (parênteses), para deixar claro que se trata de interpolação tradutória. (...)

De modo geral, utilizou-se a *New International Version* como fonte das citações bíblicas. Por outro lado, na Seção IV, lançou-se mão da tradicional *King James Version* pelo fato de esta versão permitir a transmissão dos temas da violência religiosa com mais fidelidade às ideias do autor”.

#### IV. ASPECTOS TÉCNICOS DA TRADUÇÃO

Além das características da obra traduzida, das dificuldades encontradas e das decisões tomadas pelo tradutor, explicitadas no prefácio, do qual partes foram transcritas acima, houve muitos outros aspectos tradutórios mais específicos, relevantes principalmente para outros tradutores.

Visto que um dos objetivos deste relato é compartilhar informações para o acúmulo de conhecimentos acerca das melhores práticas da tradução conscienciológica, eis, em ordem alfabética, na forma de 18 tópicos, questões com as quais me defrontei durante o projeto ORT:

01. **Auxílio de especialistas.** O tradutor pode e deve sempre recorrer a especialistas das áreas com as quais esteja trabalhando. Recorri a dois amigos especialistas: um para questões relativas ao universo bíblico, religioso e filológico, e outro para questões referentes à Tradutologia de modo geral.

02. **Auxílio do autor.** A disponibilidade pessoal do professor Marcelo da Luz para o atendimento às dúvidas e consultas do tradutor garantiu o bom andamento do trabalho. Exemplos de auxílio do autor: orientação quanto à versão da Bíblia a ser utilizada ao longo do trabalho – a *New International Version*, por ser a mais usada no mundo anglo-saxão, principalmente entre os protestantes (na Seção IV, como descrito no prefácio acima, a decisão pela *King James Version* – a mais tradicional em língua inglesa – foi do tradutor); resolução de dúvidas quanto ao significado exato de trechos, expressões ou palavras; indicação da localização dos textos originais usados em citações; entre outros.

03. **Bibliografia.** Para a indicação dos itens bibliográficos, segui, em grande parte, o trabalho já realizado no *Projectology*. Algo a exigir o *trinômio atenção-detalhismo-exaustividade* foi a alteração, em todas as notas de rodapé e itens da bibliografia e infografia, dos seguintes itens elencados em ordem alfabética:

A. **Adição:** de mais uma letra a fim de “p.” tornar-se “pp.” quando se referia a mais de uma página.

B. **Inversão:** da ordem de aparição do dia e mês do ano, conforme o padrão estadunidense.

C. **Substituição:** de todos os “n.” referindo-se a número, para “no.,” conforme o padrão do *Webster’s Comprehensive Dictionary*. Tal procedimento não foi observado no *Projectology*; porém, “n.” em inglês pode significar *nota de rodapé*, então quis eliminar a possibilidade de ambiguidade.

D. **Tradução:** de “ano”, toda vez em que aparece, para “year”.

04. **Citações bíblicas.** Existem diferentes maneiras de citar passagens bíblicas na língua inglesa. Após ampla pesquisa, decidi usar a estilística da *American Psychological Association* (APA). O estilo específico da APA pode ser apreciado consultando-se a obra traduzida.

05. **Criação de neologismos.** Tive de criar alguns neologismos ingleses para a terminologia conscienciológica ainda sem tradução ou com tradução antiga. Nesse ponto, o tradutor deve priorizar o próprio conhecimento especializado de lexicogenia na tomada de decisões críticas, afinal é ele quem está assinando o trabalho.

06. **Dificuldades tradutórias.** O tradutor pode antecipar algumas dificuldades fazendo a leitura prévia do material a ser traduzido. Outras surgem à medida que se traduz. Tive de tomar decisões relativas às seguintes questões, enumeradas em ordem alfabética:

A. **Equivalência:** a tentativa de padronizar a equivalência, isto é, a correspondência constante entre um termo ou expressão de uma língua e o termo ou expressão da outra. Tal equivalência é possível para termos técnicos, mas é escapadiça em outros casos, como “imaginário” e “crendice”, por exemplo.

B. **Falsos cognatos:** a atenção aos falsos cognatos, verdadeiras armadilhas para o tradutor menos atilado. Exemplos: antecipar / *anticipate* (prevenir-se); genialidade / *geniality* (jovialidade); pretenso / *pretense*

(presunção); entre outros. Nesse sentido, é de grande valia o *Guia Prático de Tradução Inglesa*, de Agenor Soares dos Santos.

**C. Hifenização:** a escolha entre a manutenção ou a supressão do hífen nas expressões compostas do inglês. Exemplo: no título da Seção II da obra ORT, era melhor *para-anatomy*, *paranatomy* ou ainda *paraanatomy* como equivalente de *paranatomia*? Nesse caso, preferi deixar com hífen a fim de explicitar melhor ao leitor anglófono que “*para-*” refere-se a um prefixo. A hifenização não é uma questão trivial, haja vista esta citação de Michael Swam, extraída da segunda edição de *Practical English Usage* (p. 533):

“As regras da hifenização são complicadas e o uso não é muito claro. (...) A situação atual é bastante confusa e é comum encontrar a mesma expressão escrita de três modos diferentes (*bookshop*, *book-shop*, *book shop*).” (Tradução deste autor).

**D. Maiusculização:** o uso de letras maiúsculas ou minúsculas, como explicado no prefácio.

**E. Pronome:** a grande dificuldade nesse aspecto diz respeito ao uso do *singular they*, uma área obscura da estilística inglesa. Em português, usamos os substantivos sobrecomuns “o indivíduo; a pessoa” com os pronomes “ele, ela”; “seu, sua”; “para si, para ele mesmo, para ela mesma”. Porém, as coisas são mais complicadas em inglês. Como pronome pessoal oblíquo neutro, referindo-se aos dois gêneros, é possível usar “them”, e como pronome possessivo, “their”. Contudo, o pronome reflexivo cria problemas: dependendo de como a frase foi estruturada, “himself or herself”, “oneself”, “themselves” ou “themselves” são algumas das possibilidades – com diferentes níveis de aceitação pelos linguistas anglo-saxões. Fiz ampla pesquisa a esse respeito nos dicionários do *Holociclo* para ter segurança quanto às melhores práticas estilísticas, e acatei as instruções do *The Oxford Dictionary of American Usage and Style*, de Bryan A. Garner (p. 168, 169, 300 a 303).

**F. Variante:** a escolha da variante da língua inglesa – elegi o inglês estadunidense (*American English*), com todas as suas implicações ortográficas (*spelling*).

**G. Vocábulos:** o discernimento no uso correto das palavras. Exemplos: *neophilic*, e não *neophilic*; *narcissism*, e não *narcisism*; *sectarianism*, e não *sectarism*; *incarnate* (adjetivo), e não *incarnated*, entre outros.

07. **Documentação.** Ao longo do trabalho, as pesquisas e o acúmulo de material exigiram a organização de todo esse levantamento em pastas eletrônicas específicas. Tal medida confere agilidade e confiança ao tradutor.

08. **Dúvidas do inglês.** Dúvidas remanescentes quanto ao vocabulário ou à gramática foram anotadas em arquivo pessoal e dirimidas na primeira oportunidade. O tradutor deve buscar atuar, ao máximo de suas possibilidades, como se fosse um bom escritor na língua para a qual traduz.

09. **Elaboração de glossário.** No caso de termos difíceis que reaparecem frequentemente e de termos desconhecidos para o tradutor, a elaboração de glossário permite acúmulo de conhecimento e consultas rápidas, agilizando o trabalho e ajudando a fixar mnemonicamente os vocábulos em questão. Um glossário com diferentes acepções e traduções é ainda mais útil quando palavras difíceis exigem soluções diferentes para cada contexto. Vale ressaltar que elaborei meu glossário em *Word*, ao contrário de outros tradutores que preferem trabalhar com *Excel* ou ainda com *CAT tools* (*computer-assisted translation tools*).

10. **Evitação de retradução.** Algumas obras em inglês citadas pelo autor encontravam-se na Holoteca do CEAEC. Consultei os livros, localizei as passagens citadas e as transcrevi no texto da tradução. Outras estavam disponíveis na Internet, seja no *Google Livros*, seja em formato *pdf*. Com essas medidas, evitei a retradução do português para o inglês, o que geralmente causa imprecisões no conteúdo e na forma.

11. **Índices.** No *Índice Onomástico*, as entradas “Igreja Renascer em Cristo” e “Igreja Renascer” foram agrupadas em uma só, ambas sendo traduzidas por “*Reborn in Christ Church*”. O mesmo fato aconteceu com “Satã” e “Satanás”, cuja tradução é sempre “*Satan*”. Se o *Índice Remissivo* houvesse sido simplesmente traduzido, as fusões de entradas haveriam acontecido em grande número.

12. **Livros sagrados.** Na Seção IV do ORT, o autor faz referências ao livro sagrado dos muçulmanos. O idioma inglês tem duas edições principais do Alcorão. Escolhi a tradução de *Marmaduke Pickthall*. Para sinalizar aos leitores a versão do Corão que está sendo utilizada na Seção específica, inseri o nome de *Pickthall* na primeira referência. A técnica de usar na primeira citação o nome da versão do livro sagrado utilizado foi empregada inclusive para as citações do Antigo e do Novo Testamento.

13. **Notas de rodapé.** Como a obra ORT tem muitas notas de rodapé, vi-me obrigado a criar um procedimento especial para traduzi-las, o qual está detalhado no prefácio do tradutor. As notas do autor, ao longo do livro, referem-se, basicamente, às seguintes categorias de citações, ordenadas alfabeticamente:

- A. Livros antigos ou clássicos, escritos em latim.
- B. Livros da Conscienciologia com tradução para o inglês.
- C. Livros da Conscienciologia sem tradução para o inglês.
- D. Livros diversos mencionados no corpo do texto.
- E. Livros originalmente em inglês, com tradução do próprio autor.
- F. Textos do Vaticano, com versões em vários idiomas.
- G. Verbetes da Enciclopédia da Conscienciologia.

14. **Obras de referência.** O bom tradutor tem sempre à mão obras ou sites de referência. Para a tradução do ORT, utilizei principalmente as obras impressas *Webster's Comprehensive Dictionary; Dicionário Webster's Inglês-Português, Português-Inglês* (2 vols.); e *Oxford Collocations*. Também foram utilizados os seguintes sites: [www.thefreedictionary.com](http://www.thefreedictionary.com) e *Dicionário Eletrônico Michaelis*. As obras específicas da Conscienciologia, principalmente, o *Projeciologia* e o *Projectiology*, o *Conscienciograma* e o *Conscientiogram*, entre outros livros menores já traduzidos, foram igualmente constantemente consultados. O *Projectiology*, na condição de obra – e tradução – de referência, pode servir como balizador para diversas decisões do tradutor de Conscienciologia.

15. **Orientações para revisores.** O revisor que me acompanhou durante todo o processo seguiu orientações fornecidas logo no início do trabalho com o objetivo de otimizar nossa comunicação. Comentários e cores utilizados pela revisão do *Word* foram instrumentos importantes. Quando o texto final foi entregue a ele e à outra revisora, ambos receberam um texto adicional com as regras a serem seguidas na última revisão. O *princípio fundamental* das diretrizes elaboradas foi: “faça o máximo que puder, sempre – nunca deixe de revisar ou alterar algo esperando que o outro irá fazê-lo”.

16. **Revisão do português.** Enquanto traduzia, reparei nos poucos erros de ortografia do original e nos aspectos do texto para os quais poderia sugerir aperfeiçoamento. Portanto, ao enviar o texto final da tradução para o autor, enviei também um arquivo com as revisões e sugestões para uma próxima edição em vernáculo. Trata-se da vivência do *binômio tradutor-revisor*, tema de verbete da Enciclopédia da Conscienciologia.

17. **Teoria da tradução.** As bases teóricas da minha práxis foram o trabalho clássico de Vinay e Darbelnet, *Stylistique comparée du français et de l'anglais* – o qual estabelece técnicas de tradução com base na estilística comparada –, e a obra *The Translator's Invisibility*, de Lawrence Venuti, que fundamenta a abordagem estrangeirizante – privilegiar a língua de partida – em contraposição à abordagem domesticante – privilegiar a língua de chegada –, com base em sólida crítica à história da tradução em língua inglesa.



18. **Textos básicos.** Para o início da tradução, foi-me disponibilizado o livro ORT em formatos *pdf* e *doc*. O mais importante dessa medida foi a possibilidade de traduzir o texto a partir do arquivo original em *Word*, mantendo a formatação e evitando ter de começar do zero em novo documento.

O texto final foi entregue ao autor e ao contratante no início de novembro de 2014. Em dezembro, tivemos uma reunião para o fechamento formal do trabalho e a discussão das alternativas de publicação. No início de janeiro de 2015, entregou-se a revisão do português do original e em 25 de agosto do mesmo ano o prefácio do tradutor recebeu seu ponto final e também foi entregue.

A partir daí, tendo finalizado o meu compromisso profissional, concentrei-me na escrita deste texto, o qual pode ser considerado o balanço das experiências vivenciadas.

Desde então, a confecção do índice remissivo em inglês, trabalho a ser realizado pelo autor da obra, e as *démarches* para a publicação tomaram seu próprio curso, alheio ao tradutor.

Enfim, em 31 de agosto de 2017, a obra traduzida foi publicada em formato *e-book*, o que motivou o encaminhamento deste relato – já pronto desde a finalização da tradução – para publicação.

## V. CURVA DE APRENDIZAGEM

Curva de aprendizagem é um conceito que indica quanto tempo se leva, ou o quanto de teática alguém precisa ter até alcançar certo nível de proficiência em sua atividade.

A tradução da obra *Onde a Religião Termina?* representou a subida íngreme na curva de aprendizagem de minha teática tradutória pessoal.

Para especificar a inclinação da curva de sua trajetória, o tradutor pode indagar-se, ao final de uma tradução volumosa: “o que eu faria diferente se começasse de novo?”.

Se o leitor examinar a tradução realizada, compreenderá melhor os 6 pontos seguintes, dispostos em ordem funcional, que este tradutor faria diferente:

1. **Vírgulas.** Eliminaría as vírgulas depois de locução adverbial no início de período.
2. **Preposições.** Deixaria as preposições no final das orações, eliminando construções do tipo “*to whom*”, “*of whom*”, entre outras.
3. **That.** Suprimiria as partículas “*that*” de uso facultativo. Sua presença denuncia ser o texto uma tradução, caracterizando uma *explicitação*, a qual vem a ser inclusive um dos “universais da tradução”, conforme exposto por Anthony Pym em seu livro *Exploring Translation Theories*.
4. **Notas.** Colocaria [*published in English as...*] inclusive para os livros da Conscienciologia.
5. **Impressão.** Imprimiria a tradução final para verificar possíveis equívocos remanescentes mais uma última vez. Talvez esse tenha sido um dos maiores erros.
6. **Tempo.** Iniciaría a tradução sem demora, reservando desde o início 1 dos períodos do dia para o trabalho e manteria essa disposição até o final. No meu caso, demorei a ganhar ritmo, embora haja entregado a tradução dentro dos 20 meses que havia planejado, antes dos 24 previstos em contrato.

## CONCLUSÃO

Este texto fez um balanço da minha atividade com o objetivo de deixar o relato disponível para que outros possam traduzir obras da Conscienciologia com mais subsídios técnicos para suas tomadas de decisão.

O aproveitamento do acúmulo de conhecimento adquirido com traduções prévias pode facilitar o trabalho dos tradutores e elevar a qualidade das próximas traduções.

Do ponto de vista intraconscional, um dos benefícios desse balanço foi vivenciar o entendimento de não se saber do que é capaz até se iniciar uma tarefa ousada. Esse processo de autossuperação contou com amparo de função. Se o objetivo é assistencial, o amparo pode potencializar a aplicação dos talentos intraconscenciais. Resultado disso é que, no início, pensava que não daria conta do projeto ORT, mas hoje me sinto plenamente confiante, capaz e com o dever de repassar essa experiência.

Gostaria de deixar registrado, nessa conclusão, os meus sinceros agradecimentos a todo o elenco dos personagens intervenientes no projeto ORT, a maioria deles mencionados no decorrer desta exposição, por haver-me propiciado essa teática conscienciológica.

## BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

1. **Luz**, Marcelo da; *Where Does Religion End?*; E-book; *Editares*: Foz do Iguaçu, PR; 2017; prefácio.
2. **Mendonça**, Otto; *Tradução Oral das Tertúlias Conscienciológicas: Relato da Experiência da Equipe de Tradução Simultânea (ETS)*; *Conscientia*; Revista; Trimestral; Vol. 16; N. 4; Foz do Iguaçu, PR; Outubro-Dezembro, 2012; páginas 396 a 409.
3. **Portinho**, Waldivia Marchiori; Oorg.; *A Tradução Técnica e seus Problemas*; 256 p.; *Álamo*; São Paulo, SP; 1984; página 63.
4. **Swam**, Michael; *Practical English Usage*; 654 p.; *Oxford University Press*; 2ª ed.; 8ª imp.; Oxford; Inglaterra; 2002; página 533.

